



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARÍLIA DE BRITO FERREIRA

**ALFRED ROSENBERG E O MITO DE SANGUE:  
UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ANTISSEMITISMO NA OBRA  
*O MITO DO SÉCULO XX***

Brasília

2017

MARÍLIA DE BRITO FERREIRA

**ALFRED ROSENBERG E O MITO DE SANGUE:  
UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ANTISSEMITISMO NA OBRA  
*O MITO DO SÉCULO XX***

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial de obtenção do grau de licenciada em História, sob a orientação do professor Doutor Thiago Tremonte de Lemos.

Brasília

2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARÍLIA DE BRITO FERREIRA

**ALFRED ROSENBERG E O MITO DE SANGUE:  
UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE ANTISSEMITISMO NA OBRA  
*O MITO DO SÉCULO XX***

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Thiago Tremonte de Lemos (orientador)  
Instituto de Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de  
Brasília

---

Profa. Dra. Albene Miriam Menezes Klemi  
Instituto de Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de  
Brasília

---

Prof. Dr. Antonio José Barbosa  
Instituto de Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de  
Brasília

Data da Defesa: 03 de julho de 2017.

Para minha família.

## **Agradecimentos**

É difícil agradecer a todas as pessoas que de algum modo fizeram parte desta etapa da minha vida, por isso, primeiramente agradeço a todos vocês de coração.

Agradeço ao professor e querido orientador, Thiago Tremonte de Lemos, que com paciência e muito zelo, conseguiu lidar com as minhas inseguranças desde o início desta pesquisa e por ser um professor extraordinário. Sem a sua ajuda esse “Frankenstein” jamais ganharia vida. Muito obrigada.

Agradeço aos meus pais, Paula e Marcos, por ter me ensinado o caminho dos livros, pelo amor incondicional que demonstram e pela luta na minha formação e na dos meus irmãos.

Agradeço aos meus irmãos, Natália e Bruno, pelo companheirismo e risadas que proporcionaram nas mais longas madrugadas, tendo (nem sempre) paciência e animo para me ajudar a traduzir e organizar partes deste trabalho.

Agradeço a minha amiga, Leomara Oliveira, que não deixou de remar em hipótese alguma mesmo sabendo que o barco se encontrava furado.

Agradeço a minha amiga, Marina Garcia, pelas correções feitas em meu trabalho e pelo ombro amigo nos momentos de ausência de criatividade para dar segmento a essa pesquisa.

Agradeço também as minhas chefes, Socorro Ferro e Sônia Spínola, que sempre incentivaram meus estudos, me deixando inclusive, realizar parte deste trabalho no estágio.

Agradeço a todos os docentes e funcionários, da Universidade de Brasília, por ter me proporcionado a oportunidade de realizar este curso.

E por fim, não poderia deixar de agradecer pelo companheirismo, paciência, carinho, amizade e convivência dos meus amigos, Amanda Bortoluzzi, Igor Santos, Jadier Pereira, Dayanne Soares, Luan Noletto, Kyara Ramos e Chico Oliveira, que estiveram ao meu lado nos momentos engraçados, desesperadores, tristes, alegres e na cumplicidade do cotidiano da UnB. Muito obrigado por tornar todos esses anos memoráveis. E como podem vê, não estou utilizando os sobrenomes de vocês, que cederam com toda a desconfiança imaginável, para coisas erradas.

*“Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.”*

Hannah Arendt

## Resumo

O antissemitismo como ódio aos povos judaicos já datava de muito antes do Regime Nazista ascender ao poder, na Alemanha, em 1933. Contudo, na era moderna, esse conceito de animosidade adquiriu um caráter político e foi englobado nas ideias dos partidos ultranacionalistas que emergiram na Europa durante este período. Este trabalho tem como objetivo analisar a construção do conceito de antissemitismo presente na obra *O Mito do Século XX*, escrita por Alfred Rosenberg, Ministro do Reich para Territórios Orientais Ocupados na Segunda Guerra Mundial e confidente de Adolf Hitler; em especial, a legitimidade consentida pelo racismo, um dos mecanismos do biopoder, nos lastimáveis momentos de perseguição e extermínio sistemático dos judeus, tipo de *homo sacer* da sociedade.

**Palavras Chaves:** Antissemitismo. *O Mito do Século XX*. Alfred Rosenberg. Racismo.

## **Abstract**

Antisemitism as hatred towards the Jewish people dates back to long before the ascension of the Nazi regime to power in Germany in 1933. However, in the modern era, this concept of animosity has acquired a political character and has been engulfed in the ideas of ultranationalist parties that emerged during this period. This work aims to analyze the construction of the antisemitism's concept present in the book *The Myth of the Twentieth Century* by Alfred Rosenberg, Reich Minister for Eastern Occupied Territories in World War II and confidant of Adolf Hitler, especially, the legitimacy allowed by racism, one of the mechanisms of biopower, in the pitiful moments of persecution and systematic extermination of the Jews, the *homo sacer* of society.

**Keywords:** Antisemitism. *The Myth of the Twentieth Century*. Alfred Rosenberg. Racism.

## Sumário

Introdução .....	9
Capítulo I – Alfred Rosenberg .....	11
Capítulo II – Breve Histórico do Antissemitismo.....	22
Capítulo III – Conceitos: antissemitismo e biopolítica. ....	33
Considerações Finais.....	42
Fontes e Referências bibliográficas .....	44

## Introdução

As discussões em torno das ações perpetradas pelo Regime Nazista (1933 – 1945), durante a Segunda Guerra Mundial (1939 -1945), ainda são muito expressivas. De 1945 até o presente, o interesse pelo manifesto político de Adolf Hitler, *Mein Kampf* (Minha Luta), tem se mostrado intenso e representa a atualidade do tema em detrimento, principalmente, do reavivamento de algumas das medulares ideias do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*NSDAP*) em algumas plataformas políticas de extrema direita na Europa.

Elaborado durante os meses de cárcere, em 1924, quando Hitler esteve preso em Landsberg após a tentativa frustrada de um *Putsch* (golpe) de Estado em Munique no dia 09 de novembro de 1923, *Mein Kampf*, publicado no ano de 1925, é o livro mais conhecido e propagado do denominado Regime Nazista que ascendeu na Alemanha.

No entanto, além desta, outra obra que talvez seja tão relevante, ou ainda mais consistente no debate sobre o que foi, e acerca do que realmente significou o Nacional Socialismo e o Antissemitismo alemão daquele período, é o livro escrito por Alfred Rosenberg (1893 -1946) um dos mais influentes intelectuais que chegou a desempenhar diversos cargos importantes no decorrer do Terceiro Reich Alemão administrado pelo *NSDAP*. Trata-se de *O Mito do Século XX*, publicada em 1930.

Alfred Rosenberg, já comprometido com o antissemitismo, se engajou no cenário nacionalista alemão que emergiu em Munique no final da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e, junto ao então chefe incipiente do *NSDAP*, Adolf Hitler, envolveu-se, sem ser encarcerado, com o fracassado *Putsch* na cervejaria *Bürgerbräu Keller*. Adquiriu notoriedade dentro do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães com a publicação de seus artigos e panfletos de conteúdos antissemitas.

*O Mito do Século XX*, único livro teórico concebido durante o Terceiro Reich e, principal obra publicada de Rosenberg, apresenta o teor de repulsa para com os povos judaicos, mediante uma visão dicotômica de mundo onde “arianos” (conceito ideal de “raça”) e “raças” judaicas apresentam-se em uma batalha contínua por domínio e sobrevivência, sem chance de conciliação. A utopia racista de Rosenberg

foi apropriada pelo setor de propaganda do *NSDAP*, assim como por Adolf Hitler, que se utilizou de certas passagens em seus discursos.

O livro publicado por Alfred Rosenberg procura oferecer fundamentos mais concisos ainda do que aqueles apresentados por Hitler em seu livro *Mein Kampf*. O que mostra assim, que existiram outros elementos que subsidiaram o avanço do Regime Nazista enquanto ideologia política dentro da Alemanha.

A principal finalidade deste trabalho é analisar a construção do conceito de antissemitismo na obra *O Mito do Século XX* de Alfred Rosenberg, de forma a identificar sua singularidade e discerni-lo dos outros acontecimentos históricos que receberam, muitas vezes, o mesmo conceito como forma de identificar a perseguição sofrida pelos judeus. Além disso, trechos de suas memórias serão analisados e discutidos proporcionando, de certo, um entendimento mais profundo da ideologia nazista.

## Capítulo I – Alfred Rosenberg

Para melhor compreensão desta proposta de pesquisa, faz-se necessária uma exposição introdutória sobre a figura de Alfred Rosenberg, tendo por base o diário político que manteve entre os anos de 1934 a 1944, juntamente com o livro de memórias, denominado *Memoirs*<sup>1</sup>, que escreveu enquanto réu do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, e do caminho que percorreu como um dos escritores e políticos do Nacional Socialismo alemão do século XX. Ao longo de sua trajetória é possível observar os meios que exerceram maior influência no desenvolvimento de seu conceito de antissemitismo.

Alfred Ernst Rosenberg, filho de Woldemar Wilhelm Rosenberg e Elfriede Luise Caroline Siré, nasceu na cidade de Reval<sup>2</sup>, então pertencente ao Império Russo, no dia 12 de janeiro de 1893. Descobriu sua paixão pelas artes no transcorrer da educação básica no colégio *Petri – Realschule* e a perseguiu como estudante de arquitetura no Instituto Politécnico *Riga* – universidade técnica mais antiga dos países Bálticos - e engenharia na Mais Alta Escola Técnica de Moscou, onde completou seus estudos de PhD.

Nos subúrbios de Reval, conheceu a jovem dançarina estoniana Hilda-Elfriede Leesmann, com quem veio a se casar em 1915. Ainda era calouro de arquitetura quando sua esposa, em Paris, teve aulas de dança com o renomado professor Émile Jacques Dalcroze (1865-1950)<sup>3</sup>. Era também a pupila predileta do professor de dança Jules D'Udine, a quem conheceu por meio do intermédio de Dalcroze. Hilda já tinha o seu nome reconhecido no meio artístico na ocasião em que o Balé Russo a convidou para a realização de uma turnê.

No tempo que permaneceu em sua cidade natal, Alfred Rosenberg frequentou o estúdio de artes do renomado pintor estoniano Ants Laikmaan. Mesmo se mostrando um aluno promissor para com as artes, não há indícios de que suas obras foram algum dia expostas para o público. No mesmo período, foi apresentado às obras do autor britânico Houstin Stewart Chamberlain (1855-1927), célebre por seus trabalhos antissemitas e nacionalistas, que serviram de estímulo para o desenvolvimento de suas próprias teorias.

---

<sup>1</sup>ROSENBERG, Alfred . **Memoirs**. Ostara Publications, 2016.

<sup>2</sup> Conhecida hoje como Tallinn, capital da Estônia.

<sup>3</sup> Criador da pedagogia musical do qual o ensino era fundamentado no movimento corporal expressivo, designado de Ginástica Rítmica.

Em 1917, o Império Russo foi acometido por uma série de revoltas populares, instigadas pelo descontentamento do povo frente ao governo do tsar Nicolau II, que culminou na Revolução Russa. No ano seguinte a vitória do Partido Bolchevista, Rosenberg emigrou para a Alemanha devido à derrota do partido ao qual havia apoiado durante a revolução, o dos “contrarrevolucionários”.

Ao chegar a Munique, observou a instabilidade que a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) ocasionou a Alemanha. A República de Weimar (1919-1933) emergiu nesse período de grandes dificuldades econômicas do pós-guerra, mas o ceticismo da população alemã para com a República foi contínuo, principalmente quando as carências da sociedade cresceram após as rigorosas condições impostas pelo Tratado de Versalhes, assinado em 1919.

Querendo fascinar sua esposa, que se encontrava na Suíça a procura de um tratamento para sua diagnosticada tuberculose, Rosenberg conversou com a dançarina profissional Edith Von Schrenck, do tempo em que Hilda havia trabalhado em São Petersburgo. No fim, o diálogo se transformou em uma oportunidade de emprego para o futuro ideólogo.

Reconhecendo que o homem a sua frente já se encontrava comprometido com o cenário nacionalista alemão que emergiu em Munique no final da Primeira Guerra Mundial, a senhora Von Schrenck apresentou Rosenberg a Dietrich Eckart, proprietário e editor da revista *Auf Gut Deutsch*.

A questão judaica e o bolchevismo eram os temas mais recorrentes nas publicações da revista de Dietrich Eckart, ambas as áreas de interesse de Rosenberg. Assim, seus textos passaram a ser ocasionalmente publicados no periódico e seus panfletos de conteúdo antissemita lhe renderam notoriedade como escritor.

No início de 1919, Alfred Rosenberg se tornou membro do Partido Trabalhador Alemão (*DAP*) movimento precursor do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*NSDAP - Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*). Dietrich Eckart aproveitou-se do próprio periódico para publicar textos que promoviam os interesses do *DAP*, antes mesmo que Adolf Hitler se filiasse e ascendessem como líder do partido. Assim descreveu a chegada do futuro ditador:

Depois de algum tempo eu ouvi sobre um Adolf Hitler que se juntou ao Partido dos Trabalhadores Alemães e estava fazendo discursos notáveis. Ele também chamou Eckart, e durante uma dessas visitas

eu o conheci. Esse encontro mudou todo o meu destino pessoal e fundiu-o com o destino da nação alemã como um todo. Munique tornou-se o foco do novo movimento político liderado por Hitler.<sup>4</sup> (ROSENBERG, 2016, p.29, tradução livre)

Graças às publicações de artigos contendo diatribes antissemitas, Rosenberg ascendeu proeminentemente em sua produção jornalística, principalmente quando o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães adquiriu o endividado jornal *Völkischer Beobachter* e Dietrich Eckart foi nomeado editor-chefe. Contudo, Eckart encontrou dificuldades ao longo dos anos para gerenciar o novo órgão de divulgação das ideias e propagandas do *NSDAP* em paralelo à sua própria revista.

Nos anos iniciais do estabelecimento da República de Weimar no governo, Rosenberg passou a escrever e publicar, para além de seu trabalho em periódicos, aqueles que seriam os primeiros livros a ecoar suas ideias raciais, mantendo sempre os judeus em foco. As obras mais reconhecidas de então foram “O Rastro dos Judeus ao Longo dos Tempos” (*Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*) e “O Judeu, Judaísmo e a Judização dos Povos Cristãos (*Der Jude, das Judentum und die Verjudung der ChristlichenVölker*)”.

Seus esforços como jornalista e escritor também colaboraram para a proliferação dos “*Protocolos dos Sábios de Sião*”<sup>5</sup> na Alemanha, do mesmo modo como auxiliaram na propagação de suas denúncias sobre o que julgava ser uma manipulação da República de Weimar por parte dos judeus “traidores”.

Rosenberg, como futuro teórico do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães foi quem:

[...] apresentou uma cópia dos *Protocolos* a Hitler no início da década de 1920, período em que o futuro líder nazista desenvolvia sua visão do mundo. Em alguns de seus primeiros discursos políticos, e ao longo de sua vida, Hitler fez referência aos *Protocolos*, explorando o

<sup>4</sup> “After some time I heard about one Adolf Hitler who had joined the German Workers’ Party and was making remarkable speeches. He, too, called on Eckart, and during one of these visits I met him. This meeting changed my entire personal fate and merged it with the fate of the German nation as a whole. Munich itself became the focal point of the new political movement led by Hitler”.

<sup>5</sup> “O livro foi publicado pela primeira vez na Rússia em 1903; outras versões russas, em parte diferentes, apareceram nos anos seguintes. Mas a difusão mundial dos *Protocolos* começou depois da Revolução de Outubro, um acontecimento que uma parte da imprensa reacionária apresentou como o resultado de uma conspiração judaica. A tradução alemã, publicada em 1919, foi saudada pelo *Times* um ano depois como um documento importante e, portanto, implicitamente, digno de fé. Em 1921, Philip Graves, correspondente do *Times* em Istambul, escreveu três artigos demonstrando que os *Protocolos* eram uma falsificação (...)” (GINZBURG, 2007, pp. 201-202)

mito de que os "judeus bolcheviques" conspiravam para dominar o mundo.<sup>6</sup>

A Revolução Russa propiciou a Alfred Rosenberg uma experiência muito apreciada por Adolf Hitler, visto que o jornalista era um dos únicos membros líderes do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães a ter vivenciado o ascendente bolchevismo russo. Além disso, o incessável desejo de combate a questão judaica do escritor fez com que cooperasse com a formulação do programa do partido, sobretudo as cláusulas antissemitas, as quais Hitler leu nos corredores da mais renomada cervejaria de Munique, a *Hofbräuhaus*.

Após diversas tentativas, a cidadania alemã foi concedida a Rosenberg em fevereiro de 1923, período em que a República de Weimar ainda se encontrava no governo da Alemanha. De acordo com o próprio escritor, em seu livro *Memoirs*, uma intercessão amigável foi responsável por este ato, que, para Alfred representava uma almejada sensação de pertencimento.

Em razão da adquirida cidadania, Hitler optou por delegar o cargo de editor-chefe do jornal *Völkischer Beobachter*, ocupado desde sua compra pelo partido por Dietrich Eckart, a Alfred Rosenberg, já que o jornalista *freelancer* estava exercendo as funções que o então editor não estava apto a realizar. Todavia, as responsabilidades pelo conteúdo de todas as matérias publicadas no jornal recaíram sobre as costas do novo editor-chefe, especialmente as que não eram de sua autoria. Rosenberg foi obrigado a responder por diversos processos contra o *Völkischer Beobachter* e, contabilizando todos os casos em que perdeu, cumpriu uma sentença de 06 meses na prisão de *Stadelheim*, em Munique.

Ainda no ano de 1923, Hilda-Elfriede consentiu o divórcio, posto que até então sua procura por um tratamento para a tuberculose não havia sido bem-sucedida. Na ocasião, viajava entre a França e a Alemanha, com sua família, atrás de um possível recurso terapêutico. Contudo, a renomada dançarina veio a falecer poucos meses após outorgada a separação.

Rosenberg envolveu-se com o fracassado *Putsch* (golpe) de Estado, no dia 09 de novembro de 1923, junto a Adolf Hitler, então chefe do incipiente Partido

---

<sup>6</sup> United States Holocaust Memorial Museum. "Os Protocolos dos Sábios de Sião". Enciclopédia do Holocausto. <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007058>. Acesso em: 06 jan. 2017.

Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães e, com os demais filiados na cervejaria *Bürgerbräu Keller*.

Com a prisão de Hitler decretada em 1923, posteriormente à tentativa *Putsch*, Rosenberg assumiu a liderança provisória do *NSDAP* como precaução para a não desintegração do movimento. Durante os meses em cárcere, Adolf Hitler compôs o mais conhecido e propagado livro do denominado Regime Nazista, *Mein Kampf*.

No espaço de tempo em que dirigiu o *NSDAP*, Alfred conheceu Hedwig Kramer, com quem se casou pouco tempo depois e teve dois filhos. O primeiro, um menino, faleceu ainda criança. Já Irene, sua filha, permaneceu ao seu lado junto com a sua esposa até o último de seus dias.

Após a liberdade de Hitler da prisão de *Landsberg*, em dezembro de 1924, Alfred Rosenberg limitou suas ambições de ascensão dentro do partido para dar início à estruturação do seu *Magnum opus*: *O Mito do Século XX (Mythus des XX. Jahrhunderts)*, publicado em outubro de 1930. Apesar do livro não ter sido endossado por Hitler como expressão autoritária do pensamento do *NSDAP*, graças às críticas de Rosenberg para com a Igreja Católica, a obra foi amplamente difundida, chegando a vender mais de um milhão de exemplares até o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

*O Mito do Século XX*, principal obra de Rosenberg, apresenta uma visão dicotômica de mundo baseado no conceito de tipos ideias de raça, onde “arianos” e “raças” judaicas se encontram em lado opostos, sem chance de uma convivência pacífica. Uma ilusória luta eterna por domínio e sobrevivência. Segundo Peel (2012),

A extensa leitura de Rosenberg certamente reforçou suas observações pessoais. Ele havia lido as obras de Paul de Lagarde, um professor de línguas orientais do século XIX da Universidade de Göttingen, que era fortemente anti-semita. Ele leu o francês, Conde Arthur de Gobineau, cujo livro, *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, é a obra seminal do pensamento racista. Acima de tudo, ele tinha lido, aos dezessete anos, a monumental obra de Houston Stewart Chamberlain, *Os Fundamentos do Século XIX*. Este último é intensamente anti-judaico e anti-católico.<sup>7</sup> (tradução livre)

---

<sup>7</sup> “Rosenberg's extensive reading certainly reinforced his personal observations. He had read the works of Paul de Lagarde, a nineteenth-century professor of oriental languages at Göttingen University who was strongly anti-Semitic. He had read the Frenchman, Count Arthur de Gobineau, whose book, *On the Inequality of Human Races*, is the seminal work of racist thinking. Above all, he had read, at the age of seventeen, Houston Stewart Chamberlain's monumental *Foundations of the Nineteenth Century*. This last is intensely anti-Jewish and anti-Catholic”.

Com exceção de Adolf Hitler, nenhum outro membro dentre os mais altos representantes políticos e militares do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães publicou uma obra literária que discorresse sobre a visão do destino nacional alemão. Rosenberg fez um mapa político e filosófico da ideologia do *NSDAP* e mostrou a perspectiva que ele mesmo tinha sobre sociedade, raças, ordem social, religião, artes, estética e a estrutura do Estado. Tudo de acordo com seu conceito de sangue.

A utopia antissemita de Rosenberg foi apropriada pelo setor de propaganda do *NSDAP*. O próprio Hitler se utilizou de passagens em seus discursos e, após a ascensão política do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ao poder, em 1933, as escolas adotaram o livro *O Mito do Século XX* como ferramenta de doutrinação de jovens.

A crise mundial que eclodiu em 1929 causou um impacto turbulento sobre a economia alemã. Milhares de pessoas que ainda não haviam esquecido a sensação humilhante de derrota que a Alemanha havia recentemente passado, por efeito da Primeira Guerra Mundial, se encontravam sem empregos e descrentes com a política da República de Weimar. Isso possibilitou que, no início da década de 30, partidos ultranacionalistas ou Nacional Socialistas ascendessem nas disputas eleitorais. Conforme consta no Museu do Holocausto nos Estados Unidos da América:

A subida do Partido ao poder foi rápida. Antes da depressão econômica, os nazistas eram praticamente desconhecidos, recebendo apenas 3% dos votos ao *Reichstag* (Parlamento Alemão) nas eleições de 1924. Em 1932, no entanto, os nazistas tiveram 33% dos votos, mais do que qualquer outro partido. Em janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler, o líder do governo alemão, e os alemães acreditaram que haviam encontrado o salvador de sua pátria.<sup>8</sup>

Com a nomeação de Hitler, Rosenberg foi designado como responsável pelo escritório de Política Externa do Partido Nacional Socialista, em razão da falta de interesse e comprometimento de outros membros para com a área, sendo que, para ele, política externa era de suma importância para as implicações da questão judaica.

---

<sup>8</sup> United States Holocaust Memorial Museum. "Hitler Sobe ao Poder". Enciclopédia do Holocausto. <https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007671>. Acesso em: 06 jan. 2017.

Com tempo de serviço, Rosenberg conquistou diversas funções como membro do partido, especialmente depois que seu livro havia solidificado sua posição como um dos principais representantes do Regime Nazista. A mais proeminente sendo sua nomeação como membro do *Reichsleiter*<sup>9</sup>, posição mais alta que um filiado ao *NSDAP* poderia exercer. Como representante do próprio *Führer*, dividia as atenções de Hitler com outros membros de primeiro escalão do partido e depois do regime, como Martin Bormann, Richard Walther Darré, Paul Joseph Goebbels, Heinrich Himmler, que também se reportavam diretamente a Hitler.

Também foi agraciado com o título de agente diplomático das políticas de educação espiritual e formação ideológica do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães em janeiro de 1934. Executou a função de líder da Sociedade Nórdica (*The Nordische Gesellschaft*), após avanço do *NSDAP* dentro da Alemanha, cujo objetivo era o de reforçar a cooperação político-cultural nórdica e germânica desde os primórdios dos anos 20.

Com a assinatura do tratado *Molotov-Ribbentrop*<sup>10</sup> pelos ministros do exterior da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Vyacheslav Molotov, e da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, em agosto de 1939, não tardou para que a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) tivesse seu início declarado.

A guerra portanto começou em 1939 como um conflito puramente europeu e, de fato, depois que a Alemanha entrou na Polônia, que foi derrotada e dividida em três semanas com a agora neutra URSS, como uma guerra puramente europeia ocidental de Alemanha contra Grã-Bretanha e França. (HOBSBAWM, 1995, p.46)

No ano seguinte a eclosão do conflito, Rosenberg adquiriu seu primeiro cargo executivo como encarregado da recém-fundada organização *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR)*, responsável pela maior pilhagem de propriedades culturais em países ocupados pelo Regime Nazista, realizada no decorrer da guerra.

---

<sup>9</sup> Os *Reichsleiters* eram os membros que exerciam o segundo cargo político mais importante dentro do Partido Nacional Socialista Trabalhador Alemão. Abaixo somente de Adolf Hitler, os membros recebiam suas ordens e se reportavam diretamente para o *Führer*.

<sup>10</sup> Tratado de paz, de 10 anos, firmado dias antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial entre Alemanha e União Soviética. Além da não agressão, os países aceitaram oferecer colaboração no caso de invasão da Polônia, por parte da Alemanha e da Finlândia, pela União Soviética.

Outros grupos participaram similarmente na apropriação destes bens, como o *Schutzstaffel (SS)* de Heinrich Himmler e a *Wehrmacht*<sup>11</sup>.

O *ERR* era especializado na apreensão de obras-primas pertencentes a tesouros públicos e privado, onde muitos dos quais acabaram apoderados por Adolf Hitler, com a finalidade de adornarem seu cobiçado “Museu do *Führer*” em Linz, na Áustria. Do mesmo modo, a organização alemã se utilizou da mesma artimanha para “[...] prover legitimidade para as políticas antissemitas do regime, provando a existência de uma “conspiração judaica” com base em livros e arquivos de materiais confiscados de organizações judaicas no país e no exterior”<sup>12</sup> (tradução livre).

A pilhagem sistemática realizada pelo grupo *ERR* fez parte de um projeto desenvolvido por outro programa liderado por Rosenberg, os Institutos de Pesquisa do *Hohe Schule der NSDAP*<sup>13</sup>, cuja criação era “[...] não só do NSDAP, mas de toda a nação. Feito dos mais nobres materiais, um centro educacional de tamanho monumental também [...]” (MATTHÄUS; BAJOHR, 2015, p.131, tradução livre).<sup>14</sup>

Uma parte dos objetos culturais apreendidos pelo *ERR* durante a Segunda Guerra Mundial foi resgatada pelas Forças Aliadas após o término do conflito, graças aos álbuns de registro que os membros da organização alemã, responsáveis pelo confisco de obras, mantiveram para controlar, descrever, classificar e catalogar todos os bens confiscados e, onde estes eram armazenados. De maneira indireta, o Regime Nazista auxiliou na preservação dos documentos e materiais artísticos daqueles indivíduos que considerava “inimigos”.

No transcorrer de 1941, Rosenberg foi nomeado Ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Oeste (*Reichsminister für die besetzten Ostgebiete*), cuja extensão percorria das antigas fronteiras da Polônia aos Montes Urais. Seu novo

<sup>11</sup> *Wehrmacht*, Forças Armadas (marinha, exército e aeronáutica).

<sup>12</sup> “[...]provide legitimacy for the regime's antisemitic policies by proving the existence of a "Jewish conspiracy" on the basis of books and archival materials confiscated from Jewish organizations at home and abroad." - United States Holocaust Memorial Museum. “Alfred Rosenberg”. Enciclopédia do Holocausto. <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007123>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>13</sup> Projeto idealizado por Alfred Rosenberg de uma universidade de elite para os indivíduos do Regime Nazista. Arquitetada para conter uma biblioteca central, para onde os livros confiscados durante o Regime Nazista foram mandados, e 11 centros de pesquisa: Instituto para a Questão Judaica, Instituto de Estudos Religiosos, Instituto de Estudos Germânicos, Instituto de Estudos Coloniais Ideológicos, Instituto de História Intelectual-Alemã, Instituto de Estudos de Biologia e Raça, Instituto Alemão de Folclore, Instituto de Investigação do Leste, Instituto de Estudos Celtas e Instituto de Estudo do Germanismo e Gallicanismo.

<sup>14</sup> “[...]not only of the NSDAP but the entire nation. Made of the noblest materials, an educational center of monumental size as well [...]”

posto sucedeu sua participação nas discussões do *Führer* com seu círculo íntimo, composto pelos mais altos representantes políticos e militares do partido, acerca da Operação *Barbarossa*<sup>15</sup>, na qual Hitler arquitetou a invasão alemã a União Soviética. O fato de Rosenberg ter nascido no antigo Império Russo, juntamente com sua breve participação na Revolução Russa e seu ávido espírito para combater o comunismo, colaborou para que seu conhecimento fosse ponderado por Adolf Hitler no planejamento de expansão da Alemanha.

O almejado sonho do *NSDAP* de aniquilação da União Soviética, e consequentemente dos comunistas, atingiu resultados estimados nas primeiras semanas de combate. O número de perdas por parte das tropas soviéticas foi cataclísmico, entretanto, “uma vez que a guerra russa não se decidira em três semanas, como Hitler esperava, a Alemanha estava perdida, pois não estava equipada nem podia aguentar uma guerra longa.” (HOBBSAWN, 1995, 47). Assim sendo, a frente militar comunista conseguiu deflagrar um contra-ataque que resultou no recuo das tropas alemãs de seus territórios.

A Alemanha, reestabilizada, lançou uma ofensiva militar contra às tropas soviéticas pela posse da cidade de *Stalingrado*, na União Soviética. Exercendo o limite máximo da expansão alemã em solo russo, a cidade foi palco do conflito mais sangrento da Segunda Guerra Mundial, terminando com a derrota alemã. Segundo Hobsbawn (1995), da Batalha de Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo.

Os territórios dirigidos por Rosenberg, enquanto ministro, tiveram uma grande participação no momento de implantar o plano de aniquilamento do povo judeu, como “Solução Final” para a questão judaica. Os países sob seu domínio foram os primeiros a praticarem o assassinato em massa de homens, mulheres e crianças considerados semitas. Dados do Museu do Holocausto estadunidense estimam que:

No final de 1941, mais de meio milhão de judeus haviam sido aniquilados; A Estônia, parte do "Reichskommissariat Ostland", foi a primeira região ocupada pelos alemães declarada "livre de judeus". Desde novembro de 1941, trens com judeus deportados do Reich chegaram ao "Ostland". SS e policiais, juntamente com oficiais de Rosenberg, asseguravam que os deportados fossem mortos

---

<sup>15</sup> Operação Militar Germânica de invasão a União Soviética em 22 de junho de 1941 após rompimento do Pacto *Molotov-Ribbentrop*. Seus calamitosos desdobramentos deram início à guerra total.

imediatamente na chegada ou explorados em projetos de trabalho forçado onde poucos poderiam sobreviver. (tradução livre)<sup>16</sup>

Aos 30 dias do mês de abril de 1945, Adolf Hitler cometeu suicídio ao saber da aproximação de forças soviéticas de seu *bunker*, localizado no centro de Berlim. Antes que a Alemanha se rendesse, poucos dias depois da morte de seu líder, prisioneiros dos campos de concentração mantidos pelos alemães foram transportados ou assassinados para que os Aliados não conseguissem libertá-los. Ainda que os alemães perpetuassem, desde o final da Segunda Guerra Mundial, a respeito da tese de que a *Wehrmacht* não teve envolvimento com os assassinatos, pesquisas comprovam o contrário<sup>17</sup>. De acordo com informações disponíveis no Museu do Holocausto localizado nos Estados Unidos da América:

SS alemães e policiais assassinaram quase 2.700.000 judeus nos centros de extermínio, tanto por asfixia com gás venenoso, quanto por tiro. Em sua totalidade, a "Solução Final" apelou para o assassinato de todos os judeus europeus por asfixia, tiro, e outros meios. Seis milhões de homens, mulheres e crianças judeus foram mortos durante o Holocausto - dois terços dos judeus que viviam na Europa antes da Segunda Guerra Mundial. (tradução livre)<sup>18</sup>

Ao contrário de seu *Führer*, Rosenberg foi preso pelas forças aliadas e levado a julgamento, junto a outros 24 oficiais pertencentes ao alto escalão do Partido Nacional dos Trabalhadores Alemães, no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg. Durante um dos interrogatórios ao qual foi submetido, Rosenberg alegou não possuir qualquer conhecimento sobre o "holocausto" antes de chegar a

---

<sup>16</sup> "By the end of 1941, more than half a million Jews had been annihilated; Estonia, part of the "Reichskommissariat Ostland" was the first German-occupied region declared to be "free of Jews." Since November 1941, trains with Jews deported from the Reich arrived in the "Ostland." SS and police officers together with Rosenberg's officials made sure that the deportees were either killed immediately on arrival or exploited in forced labor projects few could survive". - United States Holocaust Memorial Museum. "Alfred Rosenberg". Enciclopédia do Holocausto.

<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007123>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>17</sup> Depois de 1945, a imagem atribuída a *Wehrmacht* pelos próprios alemães foi a de uma Força Armada inocente, sem qualquer envolvimento com os delitos empreendidos pelo Regime Nazista. Contudo, estudos recentes, conforme mostra as pesquisas do historiador Wolfram Wette, comprovaram o envolvimento da *Wehrmacht* em crimes contra prisioneiros de guerra soviéticos, ataque a populações civis e assassinato de povos judeus.

<sup>18</sup> "German SS and police murdered nearly 2,700,000 Jews in the killing centers either by asphyxiation with poison gas or by shooting. In its entirety, the "Final Solution" called for the murder of all European Jews by gassing, shooting, and other means. Six million Jewish men, women, and children were killed during the Holocaust—two-thirds of the Jews living in Europe before World War II". - United States Holocaust Memorial Museum. "Final Solution" Overview". Enciclopédia do Holocausto

<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005151>. Acesso em: 06 jan. 2017.

Nuremberg e, após ser informado sobre o extermínio em massa, recusou-se a acreditar.

Eu assumiria que em uma luta gigantesca, haveria muitas vítimas, mas ainda não acredito nesta parte onde você alega provar que o extermínio em massa foi praticado deliberadamente desta forma. Eu, claro, sabia que, em conexão com a nossa luta, houve muitas execuções. Eu não sabia nada sobre o extermínio em massa na medida e na forma como você diz. (tradução livre)<sup>19</sup>

Depois de quase um ano de audiências, Rosenberg foi declarado culpado e sentenciado a morte por enforcamento pelos crimes, como consta o site do Museu do Holocausto Americano<sup>20</sup>, de conspiração para cometer os atos constantes nas acusações 2, 3 e 4 definidas a seguir; (2) Crimes contra a paz – definidos como a participação no planejamento e provocação de guerra em violação a vários tratados internacionais; (3) Crimes de guerra – definidos como violações das leis e das regras internacionais acordadas para a deflagração de uma guerra; e (4) Crimes contra a humanidade [...].

No dia 16 de outubro de 1946, o Chefe do Departamento Central do *NSDAP* para Política Externa e Ideologia, também Ministro do Reich para Territórios Orientais Ocupados na Segunda Guerra Mundial e, acima de tudo, confidente de Adolf Hitler, Alfred Ernst Rosenberg foi enforcado em um cadafalso no presídio de Nuremberg.

Até o último de seus dias defendeu sua utopia racial e declarou que “O Nacional Socialismo era o conteúdo da minha vida ativa. Eu servi-lo fielmente, embora com certa tolice e insuficiência humana. Permanecerei fiel a ele enquanto eu ainda viver.” (ROSENBERG, 2012, p.201, tradução livre)<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> “I would assume that in such a gigantic struggle there would be many victims but I still don't believe this part where you allege to prove that deliberate mass extermination was practiced in this manner. I did, of course, know that in connection with our struggle there were many executions. I did not know anything about mass extermination to the extent and in the manner as you say” – Interrogation of Alfred Rosenberg, conducted by Major General Alexandrov, Nuremberg, Nov 5, 1945, International Military Tribunal records, p. 16 – 18. Disponível em:

<https://demstuermer.wordpress.com/2014/08/09/alfred-rosenberg-didnt-believe-in-gas-vans/>

Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>20</sup> United States Holocaust Memorial Museum. “Os Julgamento de Nuremberg: Datas Importantes”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em:

<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007723>. Acesso em: 06 jan. 2017.

<sup>21</sup> “National Socialism was the content of my active life. I served it faithfully, albeit with some blundering and human insufficiency. I shall remain true to it as long as I still live”.

## Capítulo II – Breve Histórico do Antissemitismo

Conforme visto até aqui, o antissemitismo moderno, fenômeno que assolou o mundo na Segunda Guerra Mundial, influenciou a composição da utopia racista desenvolvida por Alfred Rosenberg em seu livro *O Mito do Século XX*. Assim, é imprescindível para os fins propostos nesta pesquisa, a realização de uma breve reflexão, de caráter genérico, acerca das transformações perpassadas pelo antissemitismo ao longo dos séculos até a sua apropriação pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Para Hannah Arendt,

Provavelmente não existe aspecto da história contemporânea mais irritante e mais mistificador do que o fato de, entre tantas questões políticas vitais, ter cabido ao problema judaico, aparentemente insignificante e sem importância, a duvidosa honra de pôr em movimento toda uma máquina infernal. (ARENDR, 1989, p.23)

É importante ressaltar que o termo antissemitismo (*Antisemitismus*), preconceito ou ódio contra os judeus e sua cultura, foi concebido no ano de 1879 pelo jornalista alemão Wilhelm Marr (1819 – 1904). Contudo, é possível observar no curso da história outras discriminações instituídas aos judeus, por motivos para além dos aspectos ideológicos ou políticos que marcaram o século XIX, que precederam a criação do termo. A questão que se coloca é se os judeus sempre foram vítimas do mesmo antissemitismo.

Para o historiador francês Gérald Messadié, em seu livro *História Geral do Antissemitismo* (2010), é possível observar uma diversidade de acontecimentos históricos em que, apesar de não competir à noção contemporânea e comum do conceito de antissemitismo, os judeus vivenciaram reações hostis por parte das sociedades nas quais estavam inseridos. As nuances pelo qual o antissemitismo perpassou, segundo Messadié, são desmembradas em um “(...) anti-semitismo greco-romano (...) intrinsecamente diferente do antijudaísmo cristão. O qual, por sua vez, é fundamentalmente diferente do anti-semitismo nacionalista”.

Assim, quando regressamos para os tempos antigos em que o rei da Macedônia Alexandre, o Grande (336 a.C – 323 a.C), devastou o Império dos Persas ao derrotar Dario III, último rei da dinastia Aquemênida, sem qualquer auxílio dos judeus, como havia solicitado, visto que “(...) os judeus haviam prometido com

juramento a Dario jamais tomar armas contra ele, e por isso não podiam fazê-lo enquanto ele vivesse” (JOSEFO, 2004, p.515), nos deparamos com um antissemitismo de cunho político, distinto do antissemitismo moderno do qual estamos familiarizados, pois a figura do judeu não é tida como “objeto de ódio” pelos macedônios.

Segundo os relatos do escritor e historiador judeu Flávio Josefo (37-100), em *História dos Hebreus*, Alexandre não devastou a cidade de Jerusalém como havia proclamado, em consequência da falta de assessoramento dos judeus na guerra contra os persas, longe disso, o jovem comandante permitiu que os judeus tivessem “permissão para viver segundo as suas leis e as de seus antepassados e isenção, no sétimo ano, do tributo que lhe pagariam nos outros anos. (...) E, (...) que os judeus que moravam na Babilônia e na Média desfrutassem os mesmos favores” (JOSEFO, 2004, p.517).

As permissões consentidas pelo rei macedônio não ocorrem em razão das aclamações otimistas com que o povo judaico o recepcionou ou porque os pedidos foram feitos pelo sumo sacerdote em pessoa. Josefo relata que a bondade de Alexandre foi influenciada por um sonho no qual o Deus judaico havia se manifestado para ele.

Não é a ele, ao sumo sacerdote, que adoro, mas ao Deus de quem ele é o ministro, pois quando eu [Alexandre] estava ainda na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, ele me apareceu em sonhos com essas mesmas vestes e exortou-me a nada temer. Disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu que Deus estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. (JOSEFO, 2004, p.517)

A breve ocupação de Jerusalém pelo exército macedônio de Alexandre acabou resultando na conservação dos hábitos e costumes judaicos. Entretanto, por tudo o que haviam conseguido preservar, os judeus foram discriminados no instante em que tiveram seus direitos políticos minimizados e não conseguiram o direito à cidadania grega.

Já no Império Romano, a política também foi uma ferramenta de opressão contra os judeus. A decisão tomada pelos judeus de não se submeterem à cultura que o império tentou lhes impor mostra que “A arrogância romana colidiu de frente com o orgulho judeu” (MESSADIÉ, 2010, p.53). Por conseguinte, os judeus foram

igualmente excluídos do título de *civitas romana*, tal como haviam sucedido com a cidadania grega e, conseqüentemente, passaram a ser considerados como bárbaros e inimigos do império.

Apesar de o Império Romano ser responsável por inúmeras perseguições violentas àqueles indivíduos, convém mencionar que os romanos não cogitaram em qualquer momento a aniquilação dos judeus, como transcorreu no caso posterior do Regime Nazista na Alemanha.

Os abusos que foram cometidos pelos romanos, aos judeus, em nome do império, foram dotados, também, de um viés cultural. Os romanos não conseguiram interiorizar o único Deus dos judeus. O fato do monoteísmo judaico ter sido destituído do imaginário humano, a partir do momento em que não podia possuir um rosto ou ser descrito de qualquer forma, era de difícil compreensão para os romanos, uma vez que adoravam vários deuses com nomes diferentes ao mesmo tempo.

Quando o Império Romano os expulsou de Jerusalém e destruiu seu templo, os judeus passaram a consistir, dentre todos os povos da Europa, a única sociedade que não possuía Estado próprio, governo ou idioma. Ao se espalharem pelo mundo, se depararam com ‘países’ onde eram muito bem recebidos, a ponto de conseguirem estabelecer uma aliança com os governos não judaicos em permuta de um período de paz com seus vizinhos. Mas também se estabeleceram em ‘países’ onde a hostilidade ao judaísmo era nitidamente presente, especialmente nos territórios onde os cristãos compunham a maior parte da sociedade.

Diferentemente do comportamento dos romanos, outro momento de discriminação para com os judeus foi o de ascensão do cristianismo, no qual os primeiros oradores, em parceria com os chefes da instituição religiosa cristã, foram responsáveis por proliferar “(...) acusações, injúrias e deblaterações, diversas escritas e publicadas contra os judeus, que eram lidas para os fiéis, difundidas, deformadas, amplificadas, atizando o ódio mais selvagem, incluindo o religioso” (MESSADIÉ, 2010, p.149). Da mesma forma, os cristãos propagavam sua rejeição ao judaísmo e ao Torá.

Gérald Messadié expõe que é

(...) essencial também colocar a seguinte premissa: as acusações, muitas vezes virulentas e injustas, formuladas contra os judeus (...) não podem de nenhuma maneira ser comparadas com o

antisemitismo moderno. Esta é a perseguição de uma minoria por uma maioria, aqueles, muito ao contrário, era a rejeição de uma maioria por uma minoria: não era anti-semitismo mas, sim, antijudaísmo.(MESSADIÉ, 2010, p.107)

Assim, os primeiros movimentos de perseguição empreendidos pelos cristãos visaram o enfraquecimento das estruturas jurídicas e econômicas dos estabelecimentos comerciais mantidos pelos judeus, já que

(...) em toda parte, os judeus emergiam individualmente do profundo anonimato marginalizador para as posições às vezes atraentes e quase sempre influentes de judeus-da-corte, que financiavam os negócios do Estado e administravam as transações financeiras dos seus soberanos. (ARENDR, 1989, p.34)

Com isso, despertando a ira dos cidadãos cristãos.

Com tempo, os cristãos estipularam o batismo dos povos judeus de maneira que cessassem as violentas perseguições que sofriam, pois, assim como os romanos, não intencionavam em dizimar as comunidades judaicas. Estas comunidades passaram a integrar uma posição importante dentro dos Estados em que se encontravam, uma vez que eram as suas funcionalidades, principalmente aquelas proibidas aos cristãos, que faziam a movimentação do capital no Estado. Muitas das atribuições que assumiram no período de desenvolvimento dos Estados nacionais, no século XIX, cooperaram para o misticismo que perdura sobre a figura do judeu até os dias atuais. Gérald Messadié alega que,

De fato, os judeus voltavam à carga: um campo de atividade lhes era reservado, era o empréstimo dito "a usura", ou seja, a juros. Um mito iria se formar desde então, o do judeu de dedos crispados, ávido por ouro. A verdade é diferente: em 1179, o segundo Concílio de Latrão proibiu aos cristãos dedicar-se ao comércio de dinheiro. Como não existe atividade comercial sem empréstimo, nem empréstimo sem juro, consentiu-se aos judeus o que era proibido aos cristãos. Assim se criou, pelas mãos dos cristãos, a tradição do poder econômico dos judeus. (MESSADIÉ, 2010, p.168).

Mesmo com tantas perseguições e ostracismos aos judeus, a instituição religiosa cristã consolidou a figura do judeu como pertencente a uma comunidade sem território ou Estado próprio. Nesse ínterim, as intolerâncias destinadas aos judeus, por todos os povos, acabaram contribuindo, de maneira indireta, para o

alastramento do sentimento de solidariedade mútua dentro da comunidade judaica e o reforço, apesar de todas as dificuldades que sofriam, da identidade judaica.

Podemos ver também que a Reforma Protestante se apresentou como outro elemento de intolerância aos judeus. No início do século XVI, Martinho Lutero, figura central da Reforma, recorreu às comunidades judaicas com o propósito de convertê-los ao protestantismo, além de ansiar o aumento de seus seguidores, que os judeus convertidos computariam para o combate das doutrinas que compunham o alicerce do cristianismo. A resposta negativa por parte dos judeus, que temiam o antagonismo dos católicos, despertou a fúria de Lutero contra eles.

Em um momento de rancor, Martinho Lutero escreveu a obra *Von den Juden und ihren Lügen*<sup>22</sup> em que Gérald Messadié (2010) revela que “(...) pode ser considerado hoje em dia uma espécie de introdução a *Mein Kampf*”. Nesse escrito, Lutero alega que os judeus não são dignos de serem tratados com bondade, que suas sinagogas devem ser desmanteladas, assim como seus bens merecem ser confiscados.

A eclosão da Revolução Francesa no ano de 1789 “(...) alterou bruscamente as condições políticas de todo continente europeu” (ARENDDT, 1989, p.35) em razão do desenvolvimento dos Estados-nação. Atendo-se as palavras professadas por John Locke, um dos pensadores iluministas precursores da revolução, em seu livro *Essai Concernant la Tolérance*<sup>23</sup> de que “(...) como convém de homem a homem, não se deve excluir, nem os pagãos, nem maometanos, nem os judeus da comunidade por causa de sua religião” (LOCKE, 2007) concomitantemente as necessidades de capital que os Estados-nação careciam, foi consentido aos judeus, apesar de não possuírem nacionalidade, a igualdade de direitos por meio da aquisição da cidadania dos países em que habitavam, em troca dos empréstimos financeiros que forneciam.

No final do século XVIII e início do século XIX uma mudança de paradigma acontece e a razão, novo elemento legitimador do discurso, ascendeu como força constituidora dos movimentos de unificação nacional que se espalharam pela Europa. A consolidação dos Estados nacionais fundamentou o processo de

---

<sup>22</sup> Sobre os judeus e suas mentiras.

<sup>23</sup> LOCKE, John. Ensaio sobre a tolerância (1667). In: GOLDIE, Mark (Org.). John Locke: ensaios políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 26)

industrialização pelo qual alguns países europeus passavam e atrelou-os a política mundial, tendo em vista, o envolvimento econômico e comercial das “novas” nações.

Os pioneiros do desenvolvimento dos Estados-nação foram os judeus, que, por meio das fortunas acumuladas externamente ao sistema capitalista, contribuíram com investimentos financeiros necessários. Hannah Arendt (1989) defende que “Sem sua ajuda, o desenvolvimento do Estado-nação no século XVIII e de seu serviço civil independente teria sido inconcebível.”

Dentro dos Estados-nação as comunidades judaicas, mesmo possuindo o direito à cidadania, não pertenciam a qualquer das classes presentes dentro da sociedade. Essa discriminação infligida aos judeus, por parte do governo dos países em que se encontravam, justificou-se pelo fato de que os “judeus constituíam elemento intereuropeu; e os Estados-nação necessariamente conservava-lhes essa condição, porque dela dependiam os serviços financeiros prestados por judeus” (ARENDR, 1989, p. 39). Assim,

(...) em contraste com todos os outros grupos, os judeus eram definidos pelo sistema político, e a sua posição era determinada por ele. Como, porém, esse sistema político carecia de base assentada em realidade social, eles se situavam, socialmente falando, no vácuo. Sua desigualdade social era bem diferente da desigualdade decorrente do sistema de classes; novamente, ela resultava da relação com o Estado, de modo que, na sociedade, o próprio fato de um indivíduo ter nascido judeu significava que ou era super privilegiado – por receber proteção especial do governo – ou sub privilegiado, privado de certos direitos e oportunidades, negados aos judeus para impedir a sua assimilação. (ARENDR, 1989, p.34)

O nacionalismo<sup>24</sup>, invenção política ideológica do século XIX, foi mais um componente importante que se manifestou, principalmente nas sociedades, com o aparecimento dos Estados-nação. O aprimoramento da economia levou os indivíduos a reterem aspirações territoriais que previamente não existiam e resultaram no sentimento de pertencimento que o século XIX proporcionou com a formação das identidades nacionais. A construção de um conjunto cultural comum levou a transformação do nacionalismo em ideologia, e sua adoção como política nacional.

---

<sup>24</sup> Segundo o autor Saulo Pinheiro Guimarães: Nacionalismo é o sentimento de considerar a nação a que se pertence, por uma razão ou por outra, melhor do que as demais nações e, portanto, com mais direitos, sendo manifestações extremadas desse sentimento a xenofobia, o racismo e a arrogância imperial.

Na esfera econômica, nem todos os Estados nacionais conseguiram acompanhar o crescimento industrial das principais potências como a Inglaterra e, como modo de escoar os excedentes de produção, tal como ampliar seus mercados consumidores, deram início ao período denominado de expansão imperialista. “A expansão como objetivo permanente e supremo da política” (ARENDRT, 1989, p.155) imperialista resultou na submissão dos continentes africano e asiático por países europeus.

Em conjunto ao crescimento demográfico e de industrialização dos Estados-nação emergiu as principais técnicas de poder, ou controle, que segundo o filósofo francês Michel Foucault, ambicionaram não o corpo do indivíduo, mas o fenômeno geral da população com o intuito de “(...) aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências.” (FOUCAULT, 2005, p. 295).

A inserção de novos elementos, denominados por Foucault como tecnologia moderna da biopolítica, mecanismos disciplinares de controle sobre os indivíduos e regulamentadores da população, articulados entre si, para lidar com a ascendente noção de população, é essencial para entender o racismo de Estado. Ainda de acordo com o autor,

(...) o racismo (...) assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva (...) A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. (FOUCAULT, 2005, p. 304)

Desse modo, o racismo, assentado no funcionamento do Estado, provoca uma lógica malevolente de fragmentação do campo biológico da espécie humana dentro dos grupos que compõem a população. A fantasia de purificação e higienização da humanidade permite que o exercício de poder do Estado, por intermédio do mecanismo do racismo moderno, ocasione o extermínio daqueles indivíduos considerados indesejados e perigosos. Essa aniquilação dos discriminados permite o encolhimento da degenerescência, conforme as teorias eugenistas desenvolvidas durante o século XIX.

Foucault (2005, p.309) aponta que “Não há Estado mais disciplinar, claro, do que o regime nazista; tampouco há Estado onde as regulamentações biológicas

sejam adotadas de uma maneira mais densa e mais insistente”, pois, para o mesmo, o Regime Nazista teve como um dos elementos de seus projetos políticos, o extermínio de outras raças, como ciganos, homossexual e judeu, para controle dos processos biológicos.

Ademais, Foucault alega que os Nazistas evidenciaram sua própria raça “ao perigo absoluto e universal da morte” (FOUCAULT, 2005, p.310) com o intento de desenvolverem a raça “ariana” superior, defendida por Alfred Rosenberg em sua obra.

Dois anos antes que o Regime Nazista pusesse em prática seu plano se “Solução Final”, genocídio dos judeus, a biopolítica foi adotada no desenvolvimento do programa científico de “Eutanásia”, onde, em prol dos indivíduos que “mereciam viver”, eliminou todos aqueles que julgaram possuir uma “vida indigna da vida” dada doenças psiquiátricas, neurológicas ou grave deficiência física.

Com o racismo engendrado no exercício do poder dos Estados-nação, a adaptação que se fez acerca da teoria desenvolvida por Charles Darwin (1809-1882), sobre a evolução das espécies, para o âmbito social não ficou restrita, apenas, às discursões científicas. O cenário político do imperialismo se apropriou da teoria de sobrevivência e evolucionismo dos mais adaptados para legitimar a expansão e domínio dos países europeus sobre suas colônias. Os nativos das colônias eram classificados como cidadãos que pertenciam

No extremo inferior da escala intelectual, uma multidão de escritores populares retrabalhava um repertório de temas já existentes – raça, nação, vontade, ação -, transformando-os em formas mais rígidas e mais agressivas, como o onipresente darwinismo social. A raça, até então um termo bastante neutro, usado para designar um agrupamento animal ou humano, recebeu em fins do século XIX, uma forma mais explicitamente biológica e hereditária. (PAXTON, 2007, p.67)

Compreender as transformações no mundo, e principalmente na Europa, no decorrer do século XIX, se apresenta como fator fulcral para entender a construção histórica do antissemitismo moderno presente na obra *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, e a distinção deste do antissemitismo de como ódio ao judeu de cunho religioso.

Para a autora, as teorias que ponderam o antissemitismo moderno na perspectiva da perseguição milenar dos povos judaicos, por causas religiosas, são

errôneas, tendo em vista que, para Hannah Arendt, “o antissemitismo moderno dever ser encarado dentro da estrutura geral do desenvolvimento do estado-nação” (ARENDR, 1989, p.29) e no pensamento racial que floresceu por toda a Europa durante esse período.

Outro fator relevante para se conceber o antissemitismo moderno, de acordo com Arendt, foi a ideia de igualdade assimilada pelos Estados nacionais, dado que todos aqueles indivíduos que partilhassem do mesmo conjunto cultural faziam parte daquela nação. Essa ideia de ‘pertencimento’ dos indivíduos a uma nação acabou por aprofundar a discriminação dentro dos Estados, como observa Paxton “(...) Os inimigos internos aumentavam prolificamente em número e em variedade, à medida que o ideal de um Estado nacional homogêneo tornava mais suspeitas as diferenças” (PAXTON, 2007, p.71).

O desenvolvimento do Estado Nacional e do nacionalismo tradicional no século XIX foi peça fundamental para a composição do antissemitismo moderno, segundo Arendt. Mas, de acordo com a autora, o declínio desse Estado também se mostrou como fator importante para a evolução do antissemitismo tal qual “confeccionado” pela ideologia Nacional Socialista.

Após esta breve exposição histórica acerca do conceito de antissemitismo, passemos então a uma explanação das obras literárias que mais influenciaram Alfred Rosenberg, na concepção de seu livro *O Mito do Século XX*.

Joseph Arthur, Conde de Gobineau (1816-1882), célebre teórico do século XIX, publicou, no ano de 1853, seu *Essai sur l'inégalité des races humaine*<sup>25</sup>, no qual discorre sobre sua teoria acerca da desigualdade das raças humanas. “Para Gobineau, as espécies humanas se dividiam em três grupos: brancos, amarelos e negros, sendo que o cruzamento entre o primeiro grupo – superior – com raças inferiores levaria à degeneração da espécie humana.” (CORDEIRO, 2011, p.3). Ainda em seu tratado político, Gobineau afirmou que os arianos, identificados como loiros de descendência germânica, se encontravam num patamar superior aos demais brancos.

Seu determinismo racial, um conciliado entre afirmações científicas e preconceitos populares, teve grande influência sobre o desenvolvimento das

---

<sup>25</sup> Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas.

políticas raciais propagadas, principalmente nos estados europeus, nos séculos XIX e XX, especialmente no Regime Nazista, adaptadas pelo teórico Alfred Rosenberg.

Rosenberg também havia lido as obras de Paul de Lagarde (1827-1861), um professor de línguas orientais que desprezava a Igreja Católica e o Protestantismo. Em suas visões políticas, Lagarde, expunha seu forte nacionalismo alemão nas propagandas expansionistas do período.

Acadêmico excêntrico, Paul de Lagarde publicou o livro *Deutsche Schriften*, em 1878. Sua coleção de textos criticava arduamente a Alemanha moderna, o enfraquecimento da religião, a corrupção dos costumes, a falta de coesão e conflitos de interesse. Um segundo volume chegou a ser publicado no ano de 1881.

O antissemitismo proliferado por Lagarde foi um dos pioneiros da ideologia Nacional Socialista da Alemanha, em particular a de Alfred Rosenberg que cita sua influência no decorrer dos capítulos da obra *O Mito do Século XX*. Seus textos foram enviados, em formato de panfletos, às tropas alemãs no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

Acima de tudo, Alfred Rosenberg leu, conforme enfatiza em seu livro *Memoirs* (2016), a obra *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* (Os Fundamentos do Século XIX), que consagrou Houston Stewart Chamberlain (1855-1927) como um dos teóricos raciais mais influentes. É a partir de Chamberlain que a teoria racial proliferada no século XIX assume um caráter científico e influência as utopias antissemitas do século XX. O livro discorre sobre a superioridade da civilização ocidental nos quesitos cultural, moral, científico e tecnológico.

A ideia principal, que Chamberlain aborda em sua obra, se refere à aversão aos judeus. Para Chamberlain, a raça judaica e a cultura alemã eram completamente incompatíveis. Tauãna Terra Cordeiro alega que,

O *Volk* alemão fora delineado por uma cultura presente no sangue do indivíduo. Claro que não se deve generalizar toda produção intelectual da época como “racista”, apenas apontar que as noções de raça foram relevantes na delimitação do que se entendia como “nacional” e “estrangeiro”. Dessa forma, as ideias de Houston Stewart Chamberlain também exerceram influência no cenário político alemão. (CORDEIRO, 2011, p.7)

Alfred Rosenberg teve suas ideias influenciadas por outra publicação literária de cunho antissemita. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, repartido em 24 capítulos

ou “protocolos” que discorriam, falsamente, sobre uma conspiração internacional contra o Estado liderada pelos povos judaicos, manipuladores da política mundial.

Não foram apenas os nazistas que usaram os Protocolos; centenas de milhares de cópias foram vendidas na Alemanha após a guerra de 1918, e a sua franca adoção como manual político sequer constituía novidade. A fraude, porém, era usada principalmente com a finalidade de denunciar os judeus e despertar a rale para os perigos do domínio judaico. (ARENDR, 1989, p. 407).

Mesmo tendo seu conteúdo antissemita constatado como fraudulento, diversas vezes ao longo da história, a ideologia propagada pelos *Protocolos* conseguiu mobilizar um número relevante de indivíduos no período em que o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães se consagrava no governo da Alemanha.

Diante do exposto, o discernimento a respeito do desenvolvimento do conceito de antissemitismo moderno, no decorrer dos séculos XIX e XX, se apresenta como elemento essencial para a análise dos conceitos construídos e empregados por Alfred Rosenberg, na obra *O Mito do Século XX*, debatida no capítulo seguinte.

### Capítulo III – Conceitos: antissemitismo e biopolítica

O conceito antissemitismo como aversão aos judeus já existia muito antes do Regime Nazista ascender ao poder em 1933. Entretanto, na era moderna, esse aspecto de repulsa foi absorvido pelo Estado e configurado dentro da perspectiva da biopolítica, onde a vida e seus fenômenos vitais se politizaram. Logo, a administração dos corpos sociais por intermédio dos mecanismos de biopoder, como o racismo, proporcionou o funcionamento de um Estado que portasse o poder soberano de proclamar a “vida que merece ser vivida” e aquela que pode ser exterminada.

A história dos conceitos tem por objetivo uma compressão mais aprofundada de determinadas transformações históricas mediante a investigação de um conceito elaborado e utilizado por falantes naquela situação específica. A formulação teórica do conceito, analisada em conjunto com o acontecimento real, contribui para o assentamento singular do evento histórico.

Reinhart Koselleck esclareceu o seguinte:

(...) acerca do caráter único (*Einmaligkeit*) e particular que configura o momento concreto em que um conceito é formulado e articulado. A História dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas possam ser as mesmas. (KOSELLECK 1992, p.7)

Deste modo, a compreensão dos acontecimentos de determinada época é possível em razão de certa permanência da linguagem articulada dos conceitos aí produzidos, pois assim, mesmo que uma palavra seja repetida na formulação de outro conceito, o significado e o conteúdo associados a ela serão substancialmente diferentes, postulando uma ferramenta histórica rigorosa para o entendimento dos conceitos.

Faz-se importante ressaltar que, embora o sistema de linguagem, com seus textos e vocábulos, seja uma peça fundamental para a formulação de um conceito, uma reflexão acerca dos conflitos políticos e sociais ocorridos no período também se demonstra essencial. De acordo com Koselleck (2006), a história dos conceitos não só colabora com o desenvolvimento da história social, como essa não pode ser praticada sem primeira, tendo em vista que:

(...) sem conceitos comuns não pode haver sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sob determinados conceitos-chave. (KOSELLECK 2006, p. 98)

O próprio fenômeno do antissemitismo, explanado nos capítulos anteriores, compõe a história dos conceitos desenvolvida por Reinhart Koselleck, dentre outros. O antissemitismo como conceito faz, diretamente, referência à concepção histórica da radicalização engendrada pela Alemanha de Adolf Hitler, no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), que culminou no assassinato e desaparecimento de milhões de pessoas na tragédia comumente denominada de “Holocausto”.

Analisando a etimologia do conceito de antissemitismo, a palavra em si não faz referência apenas aos judeus, mas uma alusão à discriminação ou ódio que é direcionado a todos aqueles indivíduos de origem semita, grupo linguístico composto por árabes, hebreus, assírios, fenícios e arameus. Mesmo que na Bíblia não se mencione diretamente a origem mítica, interpretações sugerem a tradicional crença de que Sem, filho mais velho de Noé, seria ancestral dos povos semitas.

Cunhado somente ao final do século XIX, o conceito *Antisemitismus* foi desenvolvido, utilizado e popularizado pelo jornalista alemão Wilhelm Marr (1819 – 1904) em um período onde as teorias raciais se propagavam pela Europa. O termo “antissemitismo” foi desenvolvido como palavra estilisticamente alternativa e científica ao então proliferado conceito de *Judenhass* (ódio aos judeus) empregado por outros autores.

O argumento de superioridade branca, assegurada pelo imperialismo do século XIX, suplantou as ideias de igualdade política e liberdade que as minorias sociais, entre eles os judeus, almejavam. Juntamente à consolidação dos Estados europeus e a empresa colonial, ampliando o domínio sobre regiões que eram habitadas, conforme os próprios Estados-nação julgavam por “raças” menos civilizadas, é possível observar a segregação das “raças” em superiores e inferiores.

No cenário político do imperialismo, o antissemitismo se traduz como discriminação aos judeus, por não partilharem do mesmo conjunto cultural estabelecido pelos emergentes Estados nacionais. As ideias de igualdade e pertencimento só eram compartilhadas pela massa homogênea da sociedade, ou seja, todas aquelas pessoas que possuíam o status de cidadão, enquanto que aos demais coube a sensação de desconfiança contínua e latente.

O desenvolvimento do Estado Nacional e do nacionalismo tradicional no século XIX se apresenta como chave ao entendimento de como o “passar do tempo” exerce transformações sobre os conceitos, pois estes alteram de sentido quando empregados em contextos diferentes.

Segundo Koselleck,

A palavra pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente. (...) Isto significa assumir sua variação temporal, por isso mesmo histórica, donde seu caráter único (*Einmalig*) articulado ao momento de sua utilização. (KOSELLECK 1992, p.5)

Sendo assim, o antissemitismo apropriado, ampliado e difundido pelo Partido Nazista se difere daquele popularizado por Wilhelm Marr, principalmente quando seus aspectos e características são analisados, de modo individual, dentro do contexto em que se encontram inseridos.

O antissemitismo discutido por Hannah Arendt, em sua *Origens do Totalitarismo*, explicita o conceito apossado e propagado pelo Regime Nazista no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Suas particularidades são traçadas a partir da conversão do racismo, até então considerado como uma expressão de preconceito religioso, social ou econômico para além do aspecto de aversão convencional entre as “raças”, em doutrina política de atuação estatal.

A transformação do racismo em instrumento de justificação, do que o historiador Michel Foucault (2005) denomina como “função assassina do Estado” (FOUCAULT, 2005, p. 306), estabelece ao antissemitismo uma “condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” (*Ibidem*), caso os sujeitos proporcionem, para os Estados modernos, qualquer perigo a preservação da vida humana.

Ao longo do século XX, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães radicalizou cotidianamente a prática do racismo em sua sociedade ao conceber seus “inimigos”, sobretudo os povos judaicos, como entidades biológicas que constituíam uma ameaça à “raça” superior dos arianos e, conseqüentemente, à população. Derrotar os degenerados não é mais admissível, é preciso que se extermine a ameaça biológica que apresentam para sociedade como um todo.

Segundo Foucault,

O racismo vai permitir estabelecer, entre a minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico: “quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo mais enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar”. A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura. (FOUCAULT 2005, p.305)

Em vista disso, “a raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida humana numa sociedade de normatização”. É relevante salientar que, “o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito a morte” não implica somente o assassinato direto de indivíduos, como ocorreu com a implementação da “Solução Final” engendrada pelo Regime Nazista, “mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc” (FOUCAULT 2005, pp.306-309). Sobre isso, Foucault anote que

Houve, entre os nazistas, uma coincidência de um biopoder generalizado com uma ditadura a um só tempo absoluta e retransmitida através de todo o corpo social pela formidável junção do direito de matar e da exposição à morte. Temos um Estado absolutamente racista, um Estado absolutamente assassino e um Estado absolutamente suicida (...) Isso se sobrepõe necessariamente e resultou, é claro, ao mesmo tempo na “solução final” (FOUCAULT 2005, p. 311)

O fenômeno da vida, transformado em elemento político a ser administrado pelo Estado, permeia a vida que deve ser protegida e aquela que é exposta à morte. Para o filósofo italiano Giorgio Agamben (2010), é por intermédio dos mecanismos do regime biopolítico que o Estado pode garantir tanto o incentivo, quanto o massacre de seus indivíduos.

Assim, o antissemitismo difundido pelo Partido Nazista usufruiu da figura ambígua do *homo sacer* para “eliminar, através dos judeus, todas as outras raças das quais os judeus eram a um só tempo o símbolo e a manifestação” (FOUCAULT 2005, p. 311).

Neste sentido, para Agamben, *homo sacer*, expressão resgatada de um antigo termo do direito romano, é aquele sujeito que se encontra incluído no

ordenamento jurídico, mas ao mesmo tempo está desprotegido por ele. O sujeito é suscetível a uma morte violenta por qualquer um sem que tal morte constitua um delito, ou seja, é uma morte impunível a quem realizar.

Segundo Agamben:

O hebreu sob o nazismo é o referente negativo privilegiado da nova soberania biopolítica e, como tal, um caso flagrante de *homo sacer*, no sentido de vida matável e insacrificável. O seu assassinato não constitui, portanto, como veremos, nem uma execução capital, nem um sacrifício, mas apenas a realização de uma mera "matabilidade" que é inerente à condição de hebreu como tal. A verdade difícil de ser aceita pelas próprias vítimas, mas que mesmo assim devemos ter a coragem de não cobrir com véus sacrificiais, é que os hebreus não foram exterminados no curso de um louco e gigantesco holocausto, mas literalmente, como Hitler havia anunciado, "como piolhos", ou seja, como vida nua. A dimensão na qual o extermínio teve lugar não é nem a religião nem o direito, mas a biopolítica. (AGAMBEN, 2010 p.113).

A vida do *homo sacer* se identifica com o sujeito da vida nua mencionada por Agamben. Esta última delimita o momento em que a vida do ser humano deixa de possuir relevância política para o Estado moderno e, encarnando o papel de vida indigna de ser vivida, pode ser submetida à aniquilação sem riscos de punição ao seu feitor.

Portanto, do entrelaçamento da política com a vida nua é possível concluir, de acordo com Foucault que,

Os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, forçosamente os mais racistas. É claro, aí temos de tomar o exemplo do nazismo. Afinal de contas, o nazismo é, de fato, o desenvolvimento até o paroxismo dos mecanismos de poder novos (FOUCAULT, 2005 p.309)

Como visto até aqui, diversos são os contextos históricos em que é possível observar a aplicabilidade do conceito de antissemitismo, inclusive em períodos históricos antecedentes ao da criação do próprio termo *Antisemitismus*, mas é preciso uma análise contextual de cada cenário para que se possa inferir, com mais precisão, sobre qual "conteúdo" o antissemitismo faz referência.

Deste modo, através de alguns contextos já exemplificados na presente pesquisa, é palpável a configuração complexa e abrangente do conceito de antissemitismo e, por isso, é necessário ter cautela, como anota Koselleck, pois,

De forma evidentemente simplificada, podemos admitir que cada palavra remete-nos a um sentido, que por sua vez indica um conteúdo. No entanto, nem todos os sentidos atribuídos às palavras eu consideraria relevantes do ponto de vista da escrita de uma história dos conceitos. Quando do planejamento para a realização da pesquisa empírica visando a produção do *Dicionário de conceitos*, foram criteriosamente selecionadas as palavras cujos sentidos interessavam: a saber, conceitos para cuja formulação seria necessário um certo nível de teorização e cujo entendimento é também reflexivo. (KOSELLECK 1992, p.1)

A nossa fonte, nesse caso o livro *O Mito do Século XX*. Nele, Rosenberg salienta o renascimento do orgulho alemão como consequência da maior incumbência que o homem de seu tempo fora imposto, a busca pelo sangue “saudável” dos nórdicos alemães.

Baseando-se em teóricos raciais que lhe antecederam, como Chamberlain, Rosenberg colocou em antítese as diferentes “raças” que se encontravam presentes no mundo como limiar da “vida que merece ser vivida” dos povos alemães daqueles considerados como degenerados. E, por intermédio de uma organização da ordem orgânica, almejava expandir, sobre todos os domínios, a vontade germânica.

“Os judeus aparecem como uma exceção entre os povos” <sup>26</sup> (ROSENBERG, 2016, p. 6, tradução livre) por não possuírem os valores da alma racial. A ganância materialista que, segundo tal tradição antisemita, era a força motivadora de quaisquer atividades realizadas pelos povos judaicos, somada ao que Rosenberg denominava de esterilidade cultural destes sujeitos contribuiu para que fossem tidos como uma ameaça biológica ao Estado moderno alemão, sob regência do *NSDAP*.

Para além desses aspectos apresentados anteriormente, Rosenberg também vinculou a imagem dos judeus a sua teoria sobre o

Parasitismo. Neste contexto, o conceito não será entendido como uma avaliação moral, mas como a caracterização de um fato biológico, exatamente da mesma forma que falamos de fenômenos parasitários no mundo vegetal e animal. O caranguejo do saco avança através da parte posterior do caranguejo de bolso, gradualmente crescendo dentro do hospedeiro, sugando sua última força vital. Este é um processo idêntico ao qual o judeu penetra na sociedade através das feridas abertas no corpo do povo, alimentando-se força racial e criativa até seu declínio. Na verdade, essa capacidade destrutiva é a negação ativa do mundo de que fala Schmitz, a preocupação com o fato de que nada toma forma. O judeu - o fariseu, o parasita – por si próprio não possui talento para

<sup>26</sup> (...) the Jews appeared as an exception among Folks.

crescimento nativo, nenhuma forma orgânica da alma e, portanto, nenhuma forma racial.<sup>27</sup> (ROSENBERG 2016, p. 246, tradução livre)

Como, provavelmente já visto em outros meios de exposição de conteúdo, a discrepância física entre o mito do novo tipo de homem traçado por Rosenberg e os povos de origem judaica foi um dos fatores mais relevantes para o processo de aplicabilidade dos mecanismos de racismo utilizados pelo Estado moderno alemão. “Os belos tipos raciais nórdicos são exemplos da beleza racial germânica em sua forma mais pura. O ideal nórdico do homem mostra um semblante profundamente enrugado e viril como o rosto de Deus” (ROSENBERG 2016, p. 154, tradução livre)<sup>28</sup> ao mesmo tempo em que os judeus são descritos como detentores de “um nariz enganchado, lábio caído, olhos negros e cabelos encaracolados”<sup>29</sup>. (ROSENBERG, 2016, p. 154, tradução livre).

A distinção física entre os povos nórdicos alemães e povos judaicos é essencial para a reflexão acerca do conceito antissemitismo no contexto histórico do nazismo, tendo em vista que, muitos indivíduos foram enviados para campos de concentração, onde eram submetidos ao extermínio, por causa de suas “características judaicas”.

A miscigenação entre alemães e povos considerados por eles como degenerados, por apresentarem uma ameaça biológica, é outro ponto combatido por Alfred Rosenberg, já que em prol da “higienização” do sangue nórdico e de sua visão racial do futuro, em que as gerações vindouras usufruiriam da aclamada pureza racial,

Matrimônios entre alemães e judeus devem ser proibidos, pelo menos enquanto os judeus geralmente permaneçam em solo alemão. Que os judeus percam seus direitos de cidadania e precisem

---

<sup>27</sup> Parasitism. In this context the concept will not be grasped as a moral evaluation but as the characterisation of a biological fact, in exactly the same way as we speak of parasitical phenomena in the plant and animal world. The sack crab bores through the posterior of the pocket crab, gradually growing into the latter, sucking out its last life strength. This is an identical process to that in which the Jew penetrates into society through the open wounds in the body of the people, feeding off their racial and creative strength until their decline. In fact, this destructiveness is that active denial of the world of which Schmitz speaks, the concern at the fact that nothing takes shape. The Jew — the Pharisee, the parasite — himself possesses no talent for indigenous growth, no organic shape of the soul and therefore no racial shape.

<sup>28</sup> The beautiful Nordic racial types are examples of Germanic racial beauty in its purest form. The Nordic ideal of man shows a deeply furrowed, manly countenance like the face of god.

<sup>29</sup> (...) with hooked nose, drooping lip, beady black eyes and woolly hair (...)

ser sujeitados a uma nova lei apropriada para eles, é evidente. Relações sexuais, estupros, e assim por diante, entre alemães e judeus devem ser, de acordo com a gravidade do caso, punidos pelo confisco de bens, expulsão, prisão e morte. Os direitos da cidadania não devem ser um presente nato, mas devem ser adquiridos através do trabalho. Somente o cumprimento do dever e serviço pela honra do povo pode atribuir esse direito.<sup>30</sup> (ROSENBERG 2016, p. 314, tradução livre)

Caso um cidadão alemão viesse a se envolver voluntariamente com um indivíduo “indesejado”, Rosenberg alega que

(...) ele, de forma alguma, é intitulado a proteção legal - nem mesmo para seus filhos legítimos ou ilegítimos que, por sua vez, não têm direito à cidadania alemã. A violação por alguém de raça alienígena será punida por flagelação, prisão, confisco de propriedade e banimento perpétuo do Reich alemão. Espiritualmente, politicamente e militarmente, o fundamento será estabelecido para o surgimento de uma nova aristocracia.<sup>31</sup> (ROSENBERG 2016, p. 323, tradução livre)

Desta forma, uma análise do conceito de antissemitismo dentro dos acontecimentos do Regime Nazista só é viável se esta não estiver/for relacionada a qualquer contexto histórico que seja diferente, uma vez que, ocultaria as especificidades que tornam único o conteúdo daquele dado período. Por isso, o entendimento da ação ou do acontecimento precisa sempre ser levando em consideração quando investigado.

O antissemitismo, extermínio da “anomalia” judaica, empregado pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães como forma de retirada do foco da degenerescência em proveito da purificação da “raça” dos “arianos”, grupo que reproduz a hierarquia racial, só foi viável, graças aos mecanismos de biopoder,

---

<sup>30</sup> Marriages between Germans and Jews must be forbidden, at least as long as Jews generally remain upon German soil. That the Jews lose their rights of citizenship and must be subject to a new law appropriate to them, is self evident. Sexual intercourse, rape, and so on, between Germans and Jews must be, according to the gravity of the case, punished by confiscation of property, expulsion, jail and death. The rights of citizenship must not be a gift at birth, but must be acquired by labour. Only the fulfilment of duty and service for the honour of the people can award this right.

<sup>31</sup> (...) he is in no case entitled to legal protection — not even for his legitimate or illegitimate children who, in turn, shall not be entitled to German citizenship. Rape by someone of alien race will be punished by flogging, jail, confiscation of property and lifelong banishment form the German Reich. Spiritually, politically and militarily, the foundation will have been laid for the emergence of a new aristocracy.

direito legitimado pelo novo conceito de racismo, de se matar o *homo sacer* inserido na população.

## Considerações Finais

A presente monografia teve como objetivo refletir acerca do desenvolvimento do conceito de antissemitismo sob a perspectiva retratada por Alfred Ernst Rosenberg, na obra *O Mito do Século XX*. Rosenberg fora um influente intelectual que ocupou diversos cargos no governo alemão, durante o regime nazista. Ressalta-se que a contextualização do conceito, em sua aplicabilidade histórica, se apresenta como um dos principais elementos da análise proposta.

Conforme considerado, os acontecimentos vivenciados por Alfred Rosenberg contribuíram para a composição de suas observações pessoais, como o desenvolvimento de suas próprias teorias em relação ao destino nacional da Alemanha. O mesmo discorreu longamente sobre este último aspecto em seu livro *O Mito do Século XX*. Para ele, o mundo estava dividido de forma que “raças” arianas e “raças” judaicas se encontravam irrefutavelmente em lados opostos, sem qualquer chance de reconciliação.

Assim sendo, o mito do século XX descrito na obra de Rosenberg concerne o conceito de sangue. Conforme descrito pelo próprio teórico em seu livro, a grande incumbência de seus contemporâneos residia sobre o restabelecimento do sangue “saudável” que desencadearia uma revolução mundial de caráter racial.

Procurou-se também discutir diversas circunstâncias históricas em que o conceito foi aplicado, destacando-se a adaptação ocasionada ao mesmo como forma de adequá-lo ao contexto tratado, até sua metamorfose para o antissemitismo moderno descrito por Hannah Arendt. Para além do histórico do conceito, também foram apresentadas algumas obras de autores precedentes a Rosenberg que formularam teorias raciais, antissemitas e nacionalistas. A extensa leitura realizada por Rosenberg ao longo de sua vida foi de suma importância para a constituição d’*O Mito do Século XX*.

O que leva, por fim, à análise reflexiva em relação às particularidades do conceito de antissemitismo moderno construído por Rosenberg em sua obra. Para melhor compreensão do conceito, fez-se uma breve discussão, embasada em leituras relativas ao tema, sobre a absorção do conceito, como aversão aos povos judaicos, pelo Estado moderno, bem como, a transformação que sofreu, dentro da perspectiva da biopolítica de Michel Foucault.

O conceito de antissemitismo disseminado por Rosenberg, em grande parte, nos veículos de comunicação nos quais trabalhava como jornalista, representava a necessidade do Terceiro Reich, conforme os ideais do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, de aniquilar aqueles indivíduos que eram tidos como “anomalias” sociais, independentemente de serem homens, mulheres, crianças, velhos, bebês, doentes ou sadios.

As principais ideias sobre teoria racial defendidas por Rosenberg, em sua obra, foram em proveito da purificação e preservação da “raça ariana”, que julgava ser superior às demais na reprodução da hierarquia social. Para tal compreensão, adotou-se aqui outro conceito: biopolítica. Assim, pode-se discutir como a política racial nazista legitimava o assassinato do *homo sacer*. Sendo a “Solução Final” o último estágio de tal programa.

Finalmente, cabe frisar que, por mais que o conceito de antissemitismo seja utilizado para explicar diversos comportamentos de hostilidade para com os povos judaicos ao longo da história, cada contexto é composto de singularidades que os distinguem entre si. De tal maneira como a do conteúdo que está sendo aplicado, o conceito de antissemitismo se adapta para captar a especificidade ao qual está “representando”.

## Fontes e Referências bibliográficas

### Fontes:

ROSENBERG, Alfred. **The Myth of The Twentieth Century**. [S.l.: s.n], Ostara Publications, 2016.

ROSENBERG, Alfred. **Memoirs**. [S.l.: s.n], Ostara Publications, 2016.

### Livros:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHAMBERLAIN, Houston Stewart. **The Foundations of the Nineteenth Century**. London: Ballantyne & Co. Limited, 1910.

FOUCAULT, Michel. **Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOBINEAU, Arthur de. **The Inequality of the Human Races**. London: William Heinmann, 1915.

HECHT, Emmanuel; SERVENT, Pierre. **O Século de Sangue**. São Paulo: Contexto, 2015.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos: problemas teóricas e práticas**. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

LOCKE, John. Ensaio sobre a tolerância (1667). In: GOLDIE, Mark (Org.). John Locke: ensaios políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARQUES, Adhemar M.; BERUTTI, Flávio C.; FARIA, Ricardo de M. **História Contemporânea Através de Textos**. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTHÄUS, Jürgen; BAJOHR, Frank. **The Political Diary of Alfred Rosenberg and the Onset of the Holocaust**. [S.l.: s.n] Rowman & Littlefield, 2015.

MESSADIÉ, Gérald. **História Geral do Anti-Semitismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Facismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ROSENBERG, Alfred. **Memoirs**. [S.l.: s.n], Ostara Publications, 2016.

### Teses e Artigos:

CORDEIRO, Tauãna Terra. Entre Cientista e Político: O Caso de Houston Stewart Chamberlain. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/viewFile/786/299>. Acesso em: 06 jan.2017.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a10v2262.pdf>. Acesso em: 06 jan.2017.

PEEL, Peter. The Life and Death of Alfred Rosenberg. Disponível em: <https://archive.org/details/LifeAndDeathOfAlfredRosenberg>. Acesso em: 06 jan. 2017.

### Sites:

United States Holocaust Memorial Museum. “Os Protocolos dos Sábios de Sião”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007058>. Acesso em: 06 jan. 2017.

United States Holocaust Memorial Museum. “Hitler Sobe ao Poder”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007671>. Acesso em: 06 jan. 2017.

United States Holocaust Memorial Museum. “Alfred Rosenberg”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007123>. Acesso em: 06 jan. 2017.

United States Holocaust Memorial Museum. “Alfred Rosenberg”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007123>. Acesso em: 06 jan. 2017.

United States Holocaust Memorial Museum. “Final Solution” Overview”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005151>. Acesso em: 06 jan. 2017.

United States Holocaust Memorial Museum. “Os Julgamento de Nuremberg: Datas Importantes”. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em:

<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007723>. Acesso em: 06 jan. 2017.

Interrogation of Alfred Rosenberg, conducted by Major General Alexandrov, Nuremberg, Nov 5, 1945, International Military Tribunal records, p. 16 – 18. Disponível em: <https://demstuermer.wordpress.com/2014/08/09/alfred-rosenberg-didnt-believe-in-gas-vans/> Acesso em: 06 jan. 2017.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Marília de Brito Ferreira declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado Alfred Rosenberg e o Mito de Sangue: Uma Análise do Conceito de Antissemitismo na Obra *O Mito do Século XX* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

---

**Marília de Brito Ferreira**